

As revoluções políticas

A cada passo se anunciam revoluções preparadas pelos políticos, umas de feição radical outras de tendências conservadoras. Neste mesmo momento isso sucede. Fala-se numa revolução radical e numa revolução conservadora.

Uma e outra, segundo o que se diz, contende com o operariado. A revolução radical, colocando-se no ponto de vista de hostilidade às forças vivas, aos maneios reaccionários e inclinados-se a garantir, pelo *habeas corpus*, certas regalias já conquistadas e a fazer algumas concessões às classes operárias, pretendendo repudiá-las do apoio da alta finança e das companhias privilegiadas preferindo atender ao interesse do maior número. A revolução conservadora, tendo como objectivo uma completa reacção sob o ponto de vista social, pretende reduzir as nossas liberdades, suprimindo completamente as regalias que temos conquistado.

Perante um ou outro destes actos revolucionários qual deve ser a atitude da massa trabalhadora? Não sendo ela política, nem o querendo ser, negando a sua cooperação à organização política, não lhe podem ser todavia indiferentes as transformações das instituições políticas a que corresponde sempre um aumento ou diminuição de liberdade.

Nestas condições a massa operária tem todo o interesse em intervir revolucionariamente, com os seus métodos de luta, embora procurando não se imiscuir nas organizações partidárias e conservando tanto quanto possível a sua independência de acção. Se se trata duma revolução radical, de resistência contra a paragem ou o retrocesso das instituições, deve agir para que tal movimento não fracasse por falta de apoio revolucionário. Se se trata duma revolução conservadora deve colocar-se ao lado dos que a combatem. Para evitar a perda das regalias que nos queremos.

A diferença porém, e essa fundamental, entre a acção dos operários e a dos políticos nesses movimentos revolucionários está em que os políticos ficam depois a realizar a obra de organização política, ao passo que os operários recolherão às suas oficinas negando-lhes de aí em diante a sua cooperação. A solidariedade que lhes prestam, no acto revolucionário, é apenas momentânea, uma resultante das circunstâncias e nada mais.

Para que isto seja realmente assim é de toda a conveniência que mesmo durante o acto revolucionário, se vier a produzir-se, os operários formem unidos, sem perderem o contacto uns com os outros e de forma ainda a valorizarem a sua acção. Após o acto revolucionário esses mesmos combatentes que passaram a ficar em atitude de reclamantes adquirirão assim uma maior força moral para obterem as conquistas para que se ariscaram.

E isto é doutrina que tem aplicação em todos os tempos. E bom é tê-la sempre presente, tão frequentemente se produzem em Portugal as revoluções.

Lêr: O segundo número da revista gráfica quinzenal de novos horizontes sociais

RENOVAÇÃO

Editada pela Secção Editorial de A BATALHA

Arte, literatura e actualidade

As deportações e as perseguições

Uma sessão de protesto em Évora

EVORA, 14.—Realizou-se ontem nesta cidade, promovida pelo Sindicato Unico da C. Civil, uma importante sessão de protesto contra as perseguições, deportações, espancamentos e assassinatos ultimamente praticados pela polícia.

Foi escalpelado o torpe procedimento de alguns políticos que querem, pela força da sua estupidez, manter as deportações, injustas e inconstitucionais.

Esta sessão foi a primeira duma série que a U. S. O. resolveu efectivar em todos os sindicatos de Évora.—E.

A horrível reacção búlgara

Uma carta interessante

Já há muito tempo que eu vos devia escrever — descrever-vos os horrores da reacção que tudo aniquila. Não vos pude escrever até agora, por causa das circunstâncias criadas pelos últimos acontecimentos. E' nos interdita toda a possibilidade de comunicação tanto com os camaradas da província como com os do estrangeiro.

As nossas cartas são abertas e algumas mesmo não nos são entregues.

O que pode ser imaginado pela imaginação mais sádica é aqui a realidade viva. A inquisição da idade-média, o terror da Rússia zarista, da Espanha clerical, da Itália fascista, empalidecem perante os actos cometidos pelo governo dos professores e generais. Há dois anos que os revolucionários e as pessoas honradas gemem sob os golpes repetidos por uma ditadura inaudita, que todo os dias faz as suas vítimas.

A repressão feroz sobreexceute e impeliu os espiritos dos oprimidos à violência desesperada, donde resultou o atentado da igreja. Não o aprovo, conhecendo as consequências terríveis. Duma maneira ou doutra os factos estão realizados; devemos ocupar da situação actual. O atentado foi excelente para o governo.

Com este chegou o momento para ele saciar os seus instintos bestiais. Foi proclamado o estado de sítio; os carrascos militares foram encarregados das funções administrativas. Conhece-se a sua maneira de agir, de maltratar, de prender, de fusilar todo o indivíduo suspeito para o governo, para o Estado.

Na noite do atentado prendeu-se mais de dez mil pessoas; parte das quais foram fuziladas imediatamente: comunistas, agrários, anarquistas e também alguns «sem partido», que duma forma ou doutra estavam em oposição ao governo de Tzankof. Por exemplo, M. Herbst, redactor do jornal *Hoje*. Os presos são horivelmente torturados. Os maus tratos infligidos ao camarada Traikof foram mais aterrorizantes. Depois assassinaram-no com os camaradas Boris Georgief (professor do liceu), Ivanka Semenova (estudante), Rachila, etc.

Em Plewna, Tinnovo, Kellifarevo, Stara Lagora, Nova Zagora, Stivin, Roustchouk, houve da mesma forma prisões, torturas e assassinatos.

Em geral, a situação é horrível. A loucura, o sadismo, a desumanidade atingiram o seu grau mais elevado.

Mas apesar de todas as perseguições, o medo está longe de nós.

Um apelo da União dos grupos anarquistas búlgaros residentes no estrangeiro

A sorte dos revolucionários na Bulgária é trágica. O sádico governo do pseudo professor Tzankof, pelas suas atrocidades, ultrapassou todos os inquisidores e carrascos conhecidos na história. Assassina não somente os comunistas, os agrários e os anarquistas, mas também todos os homens de coração, que ousam elevar a sua voz de protesto contra as pilhagens e contra os assassinatos! No seu desvairamento de espírito o governo dos novos Neros suprimiu Geo Milef, um dos jovens poetas búlgaros, que tinha escrito um poema na ocasião dos massacres de milhares de vítimas inocentes durante o mês de Setembro de 1923.

Expondo-vos as ferocidades do governo búlgaro, nós dirigimo-nos a vós, camaradas, para protestardes por uma acção enérgica contra os carrascos dos nossos irmãos da Bulgária: os melhores filhos do povo búlgaro.

Berlim, 20-6-1925.

UMA FLAGRANTE INJUSTIÇA

Os comprometidos do 18 de Abril em liberdade e os que combatem esse movimento continuam na Guiné!

A evasão de São Julião da Barra de 14 revolucionários que tomaram parte directa e activa no movimento de 18 de Abril, tem-se prestado aos mais diversos comenários, sendo digno de registro não terem os jornais conservadores protestado, como de costume, contra a presumida falta de segurança nas prisões. Desta vez tratava-se de correligionários...

A bem dizer, os presos não se evadiram de São Julião da Barra, dadas as condições especiais em que se encontravam: limitaram-se a abandonar aquela fortaleza, sendo provável que nem sequer tenham havido a mínima responsabilidade por parte das sentinelas, como agora se pretende afirmar na ânsia de se arranjar uma justificação.

Os operários que têm estado em São Julião da Barra estiveram presos nas casas matas. Os do 18 de Abril estavam nos pavilhões da enfermaria. Os primeiros estavam enclausurados por suspeita, enquanto que os segundos estavam na situação de culpa formada. A-pesar-disto estes presos gozavam de facilidades que aos outros nunca foram concedidas.

Não nos revolta que os presos políticos sejam tratados como homens, o que nos indigna é que os presos por questões de culpa formada. A-pesar-disto estes presos gozavam de facilidades que aos outros nunca foram concedidas.

Mas não é preciso estabelecer a comparação entre eles e os operários que há tempo estiveram na mesma prisão. Outras comparações mais actuais e mais flagrantes devem ser feitas.

São conhecidos os objectivos dos revoltosos do 18 de Abril. Eles, apesar de constantemente certos jornais lhes chamarem heróis, não tiveram a coragem de nos confessar e chegaram a esforçar-se por mascarar-lhos. Soube-se, porém, que o movimento visava à destruição de todas as liberdades, à supressão de todas as regalias operárias, e também ao aniquilamento do partido democrático, principalmente por que este tem até agora, quase monopolizado o poder.

Os civis implicados no movimento estiveram quasi todos na Rotunda, armados de bombas, para resistir ao ataque das tropas governamentais. Que fez o governo? Mandou-os prender e colocou-os em São Julião da Barra numa situação especialmente favorecida, que poucos presos têm gozado, e em condições de poderem tentar a fuga com grande facilidade e eficácia.

Depois desse movimento a polícia lançou-se numa iníqua e enladrada perseguição a muitos elementos. Fizeram-se muitas prisões e essa fúria arbitrária de deter não parou. E que se fez a esses presos? Deu-se-lhes o apodo de «bombistas», desatou-se a chamar-lhes «legionários», apontou-se-lhes uns cadastros que são a vergonha da polícia e deportaram-nos, sem julgamento, para a Guiné. Entre esses deportados, contam-se muitos dos que tomaram uma atitude hostil para com o movimento de 18 de Abril, praticando para o combater, actos de admirável coragem e energia que não foram suficientemente conhecidos porque os seus autores não queriam celebrar-se, nem desejavam compensações. Tomaram essa atitude, praticaram esses actos de coragem quando o sr. António Maria da Silva, quasi desinteressado, comentava assim o movimento, clinicamente, sorrindo para um deputado que o interrogava: «São uns militares que estão na Rotunda que discordam dos que estão no Carmo.» A injustiça que daqui resultava é flagrante. A desigualdade de tratamento é enorme, é espantosa: A liberdade para os de 18 de Abril, a deportação para os que combatem esse movimento.

Enquanto uns vão ocultar-se por essas terras da província numa estação em que o campo é explendido para restaurar as forças e reavivar a saúde, os outros vão pelas plagas africanas, sofrendo as agruras do desterro inominoso, condenados quasi a morrer de fome ou a sucumbir devido ao clima. Dentro de algum tempo na Guiné haverá mais alguns covas a assinalar o fim trágico duma grande iniquidade, enquanto, por essa altura, já anistiados, os comprometidos do 18 de Abril que agora se evadiram, passearão pela cidade, felizes e sorridentes!

A direcção de "A BATALHA"

Tomou posse do cargo de director de *A BATALHA*, para que tinha sido nomeado na última reunião do Conselho Confederal da C. G. T., o nosso camarada Santos Arranha.

A substituição do nosso camarada Silva Campos foi originada no facto de ele não poder, devido ao seu cargo de secretário geral da C. G. T., ir a *A BATALHA* o concurso que ela necessitava para poder desempenhar cabalmente a sua missão.

les se incorporassem dezenas de milhares de pessoas que com a sua presença afirmariam, duma maneira iniludível e impressionante, a reprobção pública contra uma corporação a que pertencem indivíduos a quem não repugna assassinar os presos, sem que estes ao menos tenham esboçado a mais leve resistência.

Esquecem-se, porém, que a proibição dos funerais equivale à confissão do crime praticado. E esquecem-se ainda que cometendo a arbitrariedade de proibir a realização dos funerais apenas conseguem que a revolta, que existe latente em todas as consciências bem formadas, se torne maior e a indignação se exacerbe.

Uma violência nunca conseguiu ser tuada por uma arbitrariedade.

OS ACONTECIMENTOS NA CHINA

22.500 crianças com menos de 10 anos condenadas a trabalhar 12 horas nas fábricas estrangeiras!

A China foi durante muito tempo um país quasi ignorado, sendo conhecido na Europa apenas, e superficialmente, através dalguns dos seus costumes que mais diferiam dos dos europeus. O resto não se sabia, era como se a China existisse num planeta distante.

Ultimamente, a China foi teatro dum movimento de revolta de operários e de estudantes. Só então o proletariado de todos os países europeus e americanos começou a conhecer o regime de atroz opressão e tirania a que os trabalhadores chineses têm estado submetidos. E hoje novos pormenores podemos fornecer aos nossos leitores sobre a criminosa exploração exercida pelos capitalistas estrangeiros, exploração que não atingiu unicamente os adultos.

As crianças são exploradas a mais não poder ser. Cerca de 22.500 com menos de 12 anos, trabalham em fábricas!

No jornal americano *The World Tomorrow*, é exposta, desta maneira, a situação lamentável das crianças que trabalham nas indústrias em Xangai:

«O espectáculo quotidiano, no bairro industrial de Xangai, às 6 horas da manhã e às 6 horas da tarde, é verdadeiramente vergonhoso. Quem quizer convencer-se pelos seus próprios olhos, das consequências esmagadoras do trabalho nocturno, dos extensos dias de trabalho e do trabalho infantil, a melhor ocasião é às horas da entrada e da saída dos *ateliés*. Se se observar à porta das fábricas os operários noturnos, dos quais uma grande parte são crianças com menos de 14 anos, sentem-se náuseas perante esse monstruoso sistema, que permite tais injustiças numa colónia de povos cultos no ano da graça de 1923.»

O jornalista visitara uma grande fábrica de fiação de algodão às três horas da manhã. O espectáculo era único! Inúmeros homens, mulheres e crianças curvavam-se ao peso do sono. O ar era irrespirável, os alimentos dispersos por entre as máquinas, na poeira e no lixo. Entre duas fileiras de máquinas uma criança estava deitada e parecia dormir.

Pouco tempo depois lia-se nos «factos diversos» dum grande jornal estrangeiro a seguinte notícia:

«Ontem, foi aberto um inquérito, a respeito de uma criança empregada na Anglo-Chinese Cotton Mill que morreu em circunstâncias bastante trágicas. Chegou-se à conclusão de que enquanto dormia fora arrastada pela alavanca duma máquina pouco mais ou menos às 4 horas da manhã.»

Nem mais palavra sobre o assunto. A vida dos seres humanos custa barato na China.

Em consequência deste artigo foi nomeada uma comissão de inquérito que no seu relatório disse, entre outras, as seguintes cousas:

«Há, pelo menos, 22.500 crianças com menos de 10 anos, que trabalham nas fábricas capitalistas estrangeiras. A duração do trabalho é geralmente de 12 horas com um intervalo de 1 hora. Em muitos casos as crianças são obrigadas a estar de pé durante todo o tempo que dura o trabalho. Quasi em toda a parte as condições de salubridade são más e as instalações defeituosas.

O salário médio duma criança é de 20 centavos por dia, 1 escudo e quarenta centavos pouco mais ou menos. As crianças são contratadas. Desde sistema, o agente recrutador procura na fábrica o material humano necessário e é pago conforme o seu desembarço.

A comissão constatou que esses agentes recrutavam as crianças, principalmente nas regiões agrícolas, pagando aos pais o salário dos seus filhos, isto é, dois dólares chineses por mês ou seja 18 escudos aproximadamente. E' assim que o agente recrutador ganha uns 4 dólares com cada criança.

O jornalista americano, J. W. Nippes, escreveu o seguinte sobre as instalações de higiene:

«Para proteger a sêda, a atmosfera deve ser mantida quente e húmida. As janelas e as portas encontram-se sempre fechadas e o ar está constantemente viciado pela poeira e pelas exalações que servem de veículo aos germes mórbitos.

Geralmente os operários trabalham nus da cintura para cima. No meio de uma multidão são facilmente reconhecidos devido às suas pálidas fisionomias. Todos os operários são obrigados a viver na fábrica.

Aqueles que acabam o seu trabalho antes de anoitecer podem sair para a cidade, mas têm que estar de volta antes de o sol desaparecer. Levantam-se à alvorada, enrolam as suas mantas e deixam-nas num canto até à noite.

Assim trabalham, comem e dormem os trabalhadores chineses.

PRÓ-PAZ...

LONDRES, 15.—O governo inglês decidiu a construção de 19 cruzadores ligeiros.

Exploração do polo

Segue bem a expedição americana

LONDRES, 15.—O explorador americano Mac Millan comunicou por um sem fio a sua partida de Hopedale, na península do Labrador, para as terras árticas, acrescentando que as condições são magníficas e que toda a expedição se encontra bem.

Na esquadra do Caminho Novo

há presos incomunicáveis há mais de 40 dias dormindo sobre o lagedo, entre eles um tuberculoso e um louco

O regime de terror em que vivemos desde o atentado ao comandante da polícia vem merecendo de nossa parte os mais fortes comentários. Conosco têm estado os homens de cérebro desempoeirado que, embora não comunguem nos nossos credos, vêem todavia que as arbitrariedades que se têm, praticado só servem para comprometer o regime que tanto sacrifícios lhes custou. Pois apesar dessa repulsa ser bem manifesta a polícia, senhora onipotente, passa por cima desses protestos e continua a manter numa situação insuportável dezenas de presos, contra alguns dos quais não há a menor prova de culpa.

No governo civil, como ontem referimos há dezenas de presos sobre quem recaí há mais dum mês o vespgo ódio da polícia que os conserva nos calabouços sem culpa formada, e por cima os agride quando lhe dá na gana.

Na esquadra do Caminho Novo, como também já nos fizemos eco, estão doze presos, cuja situação é a seguinte: Manuel Viegas Carrascao, preso há 35 dias e incomunicável há 29 dias; José Gordinho, preso e incomunicável há 40 dias; Manuel Tavares da Silva, preso há 31 dias e incomunicável há 29 dias; Júlio da Anunciação, preso e incomunicável há 25 dias; José da Silva, preso e incomunicável há 33 dias; Hilário Marques, preso e incomunicável há 29 dias; Paulo dos Santos, preso e incomunicável há 31 dias; Anibal Soares, preso há 36 dias e incomunicável há 26 dias; Francisco Ramos Graça, preso há 40 dias e incomunicável há 36 dias; Severiano Faria Coelho e Rodrigo Rodrigues, presos há 40 dias e incomunicáveis há 33 dias; António Luis Junior, preso e incomunicável há 40 dias.

Os 12 presos da esquadra do Caminho Novo dormem há mais dum mês sobre o lagedo e na tarimba, havendo alguns que estão feridos pelo corpo, preferindo dormir em pé a terem que deitar-se.

Um dos delírios, mais fraco do que os seus companheiros do infortúnio, manifesta sensíveis penúrias de loucura que ainda mais aumenta o sofrimento dos seus companheiros. Outro, José da Silva expectora sangue com abundância, pois está tuberculoso, sendo um perigo permanente para os que privam com eles que dum momento para outro podem ser contagiados.

Este triste corrolário não impressiona a polícia, insensível ao sofrimento das suas vítimas, petrificada perante a morte lenta daqueles 12 homens. Nada a comove, a tudo é indiferente.

Todavia a mesma polícia que os martiriza, ainda há bem pouco tempo veio para a imprensa dizer-nos que as investigações estavam concluídas conhecendo já da culpabilidade dos delírios. E o que vemos nós a-pesar-de já terem decorrido bastantes dias? As incomunicabilidades persistem, os presos encarcerados nas esquadras do Caminho Novo, Santa Marta, Rato, Moinhas e em outros calabouços. Como as justiça a polícia? Ainda ignoramos, como de resto deve suceder a todas as pessoas que não vivem no âmago da polícia, porque se mantém esta situação tão bárbara que só serve para roubar a vida aqueles que não estão nas graças dos homens do governo civil.

O que sabemos de fonte segura é que os 12 presos da esquadra do Caminho Novo juntamente com os que sofrem nos restantes calabouços estão numa situação ilegal, fora de todas as normas de justiça e de humanidade.

Mais duma vez o temos asseverado: compreendia-se que a polícia procedesse como lhe indicava a sua função fazendo transitar para os tribunais os presos contra os quais houvesse culpa. Mas fazê-lo permanecer na situação que vimos de nos referir excede o inverosimil! é um insulto ao proletariado vítima de todos os seus feitos, uma descarada provocação aos que trabalham.

Porque não se resolve a polícia, uma vez que já interrogou os presos do Caminho Novo, a dar-lhe destino arrancando-os da aquele suplício e restituindo-os a uma situação normal? E quando o fizer apenas restituirá às normas jurídicas as vítimas da sua cegueira.

A guerra de Marrocos

O apoio de mouros à França

RABAT, 15.—O marechal Lyantey passou hoje revista às tropas na presença de Sultão, todos os visires, corpo diplomático, colónia europeia e população indígena.

O marechal agradeceu aos mouros fiéis o seu apoio dado a França afirmando que dentro em pouco a situação ficaria esclarecida.

Um novo comandante

PARIS, 15.—O general Naulin parte na sexta-feira para Marrocos, onde vai tomar o comando geral das tropas em operações contra os rifenhos.

O acordo franco-espanhol

RABAT, 15.—O general espanhol Recuelm que visitou todos os estabelecimentos militares em Casa Branca, declarou que a paz ou a guerra serão feitas simultaneamente pela França e pela Espanha.

Mais uma armadilha

PARIS, 15.—O ministro da Guerra resolveu aceitar para serviço voluntário de Marrocos oficiais, sargentos e soldados oferecendo-lhe condições vantajosas.

As tropas mouros atacou violentamente

RABAT, 15.—Ab-el-Krim prossegue violentamente na sua ofensiva contra Fez, tendo lançado também dois ataques noturnos próximo de Teroul, os quais foram

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NA ITÁLIA

Uma absolvição escandalosa

Para satisfação do órgão das «forças vivas», — que tão horrorizado se mostra com o que se passa na Rússia, e tão benevolente se patenteia perante os actos de banditismo praticados pelos áulicos de Mussolini — foi o general De Bono absolvido por falta de provas, no processo que lhe foi intentado por motivo do covarde assassinato do deputado socialista Matteotti.

Os jornais liberais, republicanos e socialistas, que conseguem uma vez por outra aparecer na Itália, fazem notar, que a sentença «foi pronunciada sob a pressão do governo, e que este não descurou meio algum para conseguir essa absolvição, que era uma necessidade imperiosa para o regime fascista».

Na hora do perigo, quando todo o povo italiano vibrava de indignação, pelo desaparecimento misterioso de Matteotti, o avari turco chefe dos «camisas negras» cheio daquele terror que sempre se apodera de todos os tiranos, quando vêem os seus últimos dias contados, prometeu que faria castigar duramente aos autores desse lençoso crime, mas como se sente agora em terreno mais sólido do que nesa ocasião, ele atira para traz as costas com todas as promessas, tanto mais que para si poder cumprir teria também de se castigar a si mesmo!

NO CHILE

Sob o governo do «democrático» Alessandri...

Já há tempos que os operários das explorações de salitre do Chile mantinham uma certa agitação. O governo do «democrático» presidente Alessandri para armar o caso com um acto de força mandou suspender os jornais *O Sulco* e *O Despertar* — o primeiro anarquista e o segundo comunista.

O acto, como era natural, não surtiu o efeito desejado, porque os operários, vendo que se pretendia suprimir os seus órgãos de publicidade, declararam a greve para exteriorizar de forma enérgica o seu protesto contra os maneios dos políticos demagogos, tão reaccionários como os outros.

Durante a greve houve conflitos em várias localidades. Na oficina de Alto de San Antonio por motivo de operários terem sido presos como elementos subversivos, e enviados a Valparaíso a bordo dum vapor, ocorreram graves acontecimentos dos quais resultaram dois mortos e vários feridos.

Na oficina de Coruña, como tentassem resistir aos ataques dos operários, foram mortos dois guardas e caiu gravemente ferido o sub-administrador Luiz Gomez.

A semelhança do que sucedeu por cá, Alessandri, a-pesar-de ter tomado conta do poder, após um golpe de Estado contra o governo reaccionário militarista, só tem feito uso da sua influência em benefício do capitalismo.

Enquanto, por um lado, representa o papel de salvador do povo chileno, ele entrega-o, por outro, aos militares e encarrega a polícia da solução dos problemas económicos.

NO MÉXICO

Mais proezas do governo «operário»

No México existe um governo «operário», representante «genuíno dos trabalhadores», que está demonstrando constantemente o respeito que a estes regimes merecem os direitos dos trabalhadores.

Para que se veja a atitude por ele tomada em face duma greve de professores da cidade de Puebla, secundada pelos restantes trabalhadores, vamos transcrever uma parte do manifesto por estes lançado a público quando terminaram o seu movimento:

«Em plena greve, sem justificação de espécie alguma, *algemaram oitenta e dois dos nossos camaradas*, e a viva força levaram-nos para a prisão, como repugnantes criminosos.»

«O fatídico inspector de polícia, Inácio Masip, lançou o seu automóvel como um carro infernal sobre o recinto sagrado da Confederação Sindicalista, crivando de balas, estando o Conselho Federal em sessão permanente, e deixando como rastro diabólico, o sangue vermelho de cinco dos nossos irmãos, feridos por projecteis policiais.»

«Mais tarde, noutro sítio, caiu para nunca mais se levantar o nosso camarada Martin Paleta atravessado por balas dos malditos opressores.»

«Ouvide, no entanto: em plena greve o general Manuel P. Montes foi de povoação em povoação comprar — é este o termo — camponeses, a fim de que eles fôsem fuzilados a greve, por dizer: atirar proletariado contra proletariado.

«Hoje que se vai espargindo mais a luz da verdade, milhares de camponeses protestam contra a perfídia do general Montes.»

Na Europa os vários governos «socialistas», — experimentados sob diversas formas, na Inglaterra, na Rússia, na Dinamarca e na Alemanha, não conseguiram até hoje libertar os trabalhadores do jugo do salariato. Na América é o que acima vemos, mas, a-pesar-disso, ainda há quem, de boa ou má fé, pretenda desviar a organização operária do terreno da acção directa e da luta anti-política e anti-estatal, para embriagá-la com a conquista do poder e estabelecimento dum «governo operário».

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

repellidos com importantes perdas para o inimigo.

O chefe rifenho parece querer desvanecer o efeito produzido pela cooperação franco-espanhola sobre os indígenas, lançando-se em furiosos ataques para conseguir algum êxito que levante o moral das suas tropas

OPINIÕES ALHEIAS

A Legião Vermelha por RAUL PROENÇA

Não somos os que não temos que perder! Porque tudo nos roubaram. Vimos em marcha, cantando canções heróicas onde tremam as vibrações da voz de Spartaco. Surge e avança a legião de famintos...

Não somos os que não temos que perder! E sabes porque, Burguês?

Porque andamos, desde manhã até à noite, a fazer-te o capital com o suor do nosso rosto. Não andamos com os nossos braços a criar o inimigo. O leite que gerámos envenenamo-lo tu, é energia criadora; torna-lo energia inimiga. Nós somos como a Isis lendária; tu és como o filho de Typhão.

Tu bebes-nos o sangue. E o teu sangue vermelho é feito do nosso sangue. Assim-nos o vapor das tuas fábricas; andamos trabalhando cinco horas por dia para ganhar seis vinténs e para te produzir cem contos.

E por isso—nós não temos que perder! E por isso avançamos. Porque uma força nova nos ergue dos túmulos onde vivemos, e vamos à posse dum mundo perdido. Alastai-vos, vós os que temeis: nem queremos magoar-vos o corpo, nem queremos enojar-vos de vós. Alastai-vos, depressa: nós somos uma calamidade que passa.

Passamos às Fábricas... Que é do Rão? Não há Rão!

Não olhem a Indústria moderna! Como tu a amas, Burguês! Ouvimos dizer que é o orgulho do nosso século! Contemplem esses prodígios de mecanismo, os milagres dos engenhos, a pressão nervosa dos êmbolos. Admirai, esfomeados! cai de cócoras, miseráveis! Não tendes pão em casa? Mas, deves alegrar-vos, porque isto é o orgulho do nosso século! Como deve encher-nos de satisfação o vermos que produzimos automóveis tão ricos, tão luxuosos, máquinas tão necessárias... e que temos filhos tuberculosos!

A tua indústria! ah! a tua indústria é como um velho monumento egípcio; derrói os braços dos miseráveis; alimenta-se da fome dos vencidos.

Mas tu disseste: Eu amo o trabalho e os que trabalham!

Bravo, Burguês! Tu tens uma alta consciência moral!

Obrigado! Obrigado pelas tuas palmas! Olhai, desgraçados do Mundo! olhai, esfarrapados das sargentas, ó aves noturnas das minas! Aclamai esse homem que vos ama, porque vocês trabalham!

Tendes fome? desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas aclamai, aclamai este homem que ama os que trabalham.

Ah! mas eu bem ouço a vossa voz ardente:

Desprezai essa fera que quer perpetuar o seu roubo!

Desprezai esse bandido que ama o nosso trabalho!

E nós passamos os Lares...

Que é do Amor?

Não há amor!

A santíssima instituição do matrimónio é um negócio escuro. Nos seus filhos não há este natural produto dos seus sonhos que se amam: mas esta sordidez hedionda de duas moedas que se procuram. Geralmente, a única coisa que têm de ti é o teu orgulho e o teu dinheiro. O teu sagrado casamento é ecuménico; com esta diferença: que no tempo dos romanos simulavam a venda, tocando a batanga com uma moeda de cobre, e hoje não se simula a venda, porque a venda é real; e a respeito de moedas de cobre, só se ostenta a flor de laranjeira. A dissimulação é mais grave, a perfídia é mais vergonhosa.

Enquanto a nós, depois de esfolados pelo trabalho violento, iam receber nos braços, orgulhosamente, aquela que amávamos. Não iam receber a tua sanção—amávamos livremente, esplendorosamente. Era a única coisa livre que fazíamos. Mas tu enovavas-te, digníssimo monstro, e chamavas a isto concubinato. No entanto tua mulher corria as lojas de modas; teu filho dormia com as criadas, e tua filha andava em leilão.

Apressa! a marcha, ó vós que vindes atrás! Pisaí, pisai-me os calos e a Moral a esses burgueses! Lançai a voz, a hercúlea voz por espaço, e predeí mais nos vossos lábios a libidinosa boca da vossa amante! Vede, ela é fresca como um morango medido na água e mais vermelha que uma veia cortada! e os seus lábios têm mais perfume do que dois cravos regados com almíscar! E dizei omigo: Bendito, mil vezes bendito o nosso concubinato!

Passamos às Academias...

Que é da Arte? Vem também conosco os poetas, os artistas, aqueles que compreendem o anseio fêrvido da linha e o espasmo sanguinolento da cor... aqueles que mais descobrem no Universo e mais na Terra vivem, os que sabem ler nos gestos, e nas almas... os que compreendem o ritmo das coisas e o correr manancial da Harmonia. E os, os teus inimigos, os orgulhosos da Terra. Ser artista é saber dar almas às coisas; é viver num mundo de maravilhas. Vem conosco, esses filhos da maravilha. Cantam conosco, esses criadores da beleza.

Passamos aos Tribunais!

Que é da Justiça? Não há Justiça! Meus irmãos, é permitido roubar o Trabalho! Mas não pode ser roubado o Capital!

Todas as revoluções são ilegítimas!

Quem rouba um pão tem a cadeia quem mata mil vidas tem a fortuna. As prisões estão cheias de explorados; os bancos acumulam o fruto dos latrocínios. Eis o Direito. Eis a Justiça.

O Capital é um roubo; é preciso garantir este roubo.

É preciso condenar sem lágrimas. Bom juiz é aquele que não chora. Uma sentença justa é a que se dá sem tremer.

Mas digamos nós, bem alto e bem firme: Fora a justiça dos que condenam tranquilamente! Fora os bandidos que condenam sem lágrimas! Daqui para o futuro, quando doarmos, saberemos o que é a justiça!

Passamos às democracias...

Que é da Liberdade?

Há só liberdade de defender os preconceitos comuns.

As bocas livres sufocam-se, e as respirações vigorosas oprimem-se. No tempo de Roma triunfante, mata Giordano; no tempo dos exércitos permanentes, prende-se Hervé. Dizei-me, trampolineiros: que diferença existe?

Mas nós gritaremos, nós os que conspiramos contra todas as opressões e contra todas as mentiras: que a liberdade venha até para os nossos inimigos! E que a palavra seja o único meio de condenar a palavra!

E passamos às igrejas...

Que é da Religião? Não há Religião!

Cinco milhões de homens são cinco milhões de supersticiosos. Uns crêem no Santo António, outros crêem no fatal Determinismo.

Mas nós vamos viver religiosamente. Nós cremos no absoluto da nossa justiça; há alguma coisa na nossa alma que nos diz: não é balaído o teu esforço. E nem tudo serão cinzas no momento final.

Deixai passar honestos exploradores da carne, inconscientes juizes ferozes, dignos padres ateus, os que amam a Vida e desprezam os adjectivos!

A Legião vermelha já não é feita de escravos: e o nosso bastão é um sceptro de senhor.

Tremei, tremei, burgueses!

Deixai passar os soberanos! Nós somos os que não temos que perder!

INSTRUÇÃO

Prefeitos dos liceus

Foi determinado que os professores agregados que queiram usar do direito de preferência, para a sua colocação nos liceus, deverão requerer à direcção geral de ensino secundário de 15 a 31 de Julho de cada ano, ficando assim modificado o prazo anteriormente estabelecido para tal fim.

Faculdade de farmácia do Porto

A pedido da faculdade de farmácia da Universidade do Porto foi determinado que os exames académicos destinados a obter o grau de licenciado sejam em número de 7, sendo para esse fim as disciplinas agrupadas pela ordem que a folha oficial de hoje deve publicar.

Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa

A comissão de educação e propaganda espera que todos os camaradas das secções, central, dos empregados no comércio, mobiliária e metalúrgica, que desejem frequentar as aulas de educação mútua, se inscrevam nas sedes respectivas até ao próximo sábado, 18, para que na próxima semana aquelas aulas se iniciem. Para a inscrição nas aulas das restantes secções será, dentro de breves dias, fixado o prazo respectivo.

Universidade Popular Portuguesa

No serão de arte que amanhã se realiza na Universidade Popular Portuguesa, executarão ao piano, órgão e cantarão trechos de Chopin, Wagner, Schubert, Luzzi, Liszt, Luís Costa, e Franz Gruber, as sr.^{as} D. Maria Amália Cid, P. Coutinho, Maria José Borges, D. Pilar Sérgio de Sousa e o dr. sr. António José Pereira. O serão abre com uma conferência pelo sr. António Arroio, que organizará superiormente o programa e que o irá animando à medida da sua execução.

Morte súbita

Na Morgue deu entrada Alberto José de Mira, de 72 anos, 2.º oficial da Câmara Municipal de Lisboa, residente na rua Sá Miranda, 10, cave, que faleceu súbitamente na rua Luís de Camões.

Hospitais Cívis de Lisboa

Na sala das Sessões, do hospital de São José, efectuou-se ontem pelas 14 horas, a 10.ª conferência do corpo clínico do Banco do mesmo hospital, sendo relator o dr. Mota Cabral e o assunto «amputações».

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

VIDA ANARQUISTA

Grupo «Terra Livre».—Reúne hoje, pelas 21 horas.

SÃO LUIZ

Repete-se hoje a deliciosa comédia SURPREZAS DO DIVÓRCIO, que ontem obteve um colossal êxito neste teatro.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

SERVIÇO DE ESTUDOS E CONSTRUÇÃO

Concurso para a adjudicação dum fornecimento de cantarias

ANÚNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 11 do próximo mês de Agosto pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede, 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação do fornecimento de cantarias para o edifício do apeadeiro de Santo Amaro, casa de pessoal anexa e retrete, na linha de Estremoz a C. de Vide, Secção de Estremoz a Fronteira.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectue em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 1.240\$00.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1\$50 devidamente inutilizado. Base de licitação 46.900\$00.

Concurso para a adjudicação da empreitada n.º 5 de terraplenagens, entre os perfis 1045 e 1072 do 2.º lance do Ramal do Sines.

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 10 de Agosto mês de 1925 pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sede, rua de São Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da empreitada n.º 5 de terraplenagens, da Variante entre os perfis 980 e 1140.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectue em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 8.957\$00.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1\$50 devidamente inutilizado. A base de licitação é de 358.278\$88.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório com a quantia necessária para para prefazer 5% da importância total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um depósito definitivo, que ficará à ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermédio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depósitos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Estudos e Construção, rua de São Mamede, 63, ao Caldas, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 15 de Julho de 1925. — O Engenheiro Chefe do Serviço de Estudos e Construção, C. Carvalho.

AVENIDA

Amanhã, «reprise» do admirável original de Alfredo Cortez, O LODO e reapareição da grande artista Adelina Abranches.

Todas as pessoas de qualidade não devem sair de Lisboa sem verem no

EDEN TEATRO

a fantasia de grande espectáculo

A CIDADE

ONDE A GENTE SE ABORRECE

Não é uma revista banal, Tem princípio, meio e fim. A música, o desempenho, o guarda roupa, os efeitos de luz, tudo obedece a um plano. Procurou-se fazer em Lisboa um espectáculo em relação ao que se faz correntemente lá fora. Pessoas de categoria e viajadas afirmaram espontaneamente ser A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE o que de melhor no género se tem feito entre nós.

Resumindo: É um espectáculo europeu.

SCIÊNCIA POLICIAL

Um doente isolado num horroroso

«in-pace»

Sebastião Lopes é um pobre rapaz de 18 anos, que devido a uma doença de pele está impossibilitado de trabalhar, pelo que tenta ajudar sua mãe vendendo santos, como poderia vender jóias ou postais pornográficos, coisas a que a polícia não liga importância.

Pois o secretário do governador civil, sempre que o vê porque esteja de mal com os santos, ou por outras ignoradas razões, manda prendê-lo.

Mais uma vez isso aconteceu no sábado, no Terreiro do Paço, sendo mandado encerrar naquela espécie de «in-pace» existente sob a escadaria que conduz dos calabouços superiores ao porão.

Esse horroroso entre há muito que está condenado, pela sua exiguidade, pela sua falta absoluta de condições de habitabilidade.

E é aí que a alta mentalidade de um funcionário superior da polícia achou conveniente encerrar um doente, sem ter onde se deitar, tendo como único mobiliário duas minúsculas taboalhas.

O estado de Sebastião Lopes tem causado profunda piedade nas visitas aos presos dos calabouços e aos próprios guardas.

Sua mãe, Maria dos Anjos, foi ontem falar com o secretário do governador civil para que ao seu filho fosse dado qualquer destino—ou pô-lo em liberdade, visto que nenhum delito cometeu, ou interná-lo num hospital, pois era isso o que humanamente se devia ter feito.

No entanto, o sr. secretário entende que ali está o Lopes tão bem como num hospital, porque tem de comer, e entenderá talvez que melhor não pode haver que a falta de ar, de luz, de cama, de higiene, de tudo.

Que belo higienista se está ali perdendo. Porque não teriam ainda, nomeado o sr. secretário director geral dos serviços de saúde?

DENTES ARTIFICIAIS

a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Sociedades de recreio

Grupo Dramático «Luz e Progresso».—Reúne hoje a assembleia geral pelas 21 horas.

Academia Filarmónica Verdi.—Reúne hoje a assembleia geral extraordinária.

AGREMIACÕES VARIAS

Partido Nacional Africano.—Estiveram ontem reunidos extraordinariamente os representantes das Federações de Lisboa e das Províncias com a Junta Directiva do Partido Nacional Africano, trocando impressões sobre a situação política e a representação do partido no próximo congresso internacional, especialmente convocado para discutir a questão da escravidão dos negros em face da Sociedade das Nações.

Foi dirigido ao ministro das Colónias um telegrama de agradecimento por ter sido resolvido conforme a justiça as reclamações do partido contra as perseguições movidas ao funcionário de fazenda de São Tomé, sr. João de Alva.

Associação dos Mestres e Operários dos Monumentos Nacionais.—Convinda os sócios a reunirem hoje, pelas 14 horas, na sede, travessa do Oleiro, 13, para a comissão de melhoramentos dar conta dos trabalhos realizados perante o governo e a Câmara dos Deputados para a obtenção das verbas necessárias para a readmissão do pessoal licenciado nas respectivas obras.

Vendedores Ambulantes.—A direcção apreciou as «demarches» da localização da secção de quinquilharias, resolvendo convocar a assembleia geral, para tratar do assunto, para o dia 23 do corrente.

O desastre do hidro-avião em Algés

Do Hospital de São José, foram ontem à tarde transportados num auto da Cruz Vermelha, o 2.º tenente da Armada, Mário Ferreira da Costa, para a sua residência, rua Visconde Valmor, 25, r/c, e o sinalheiro 3798 António Augusto Tomé de Oliveira, para o Centro de Aviação Marítima no Bom Sucesso, sendo satisfatório o estado dos dois feridos.

PELAS COLÓNIAS

Moçambique

Segundo comunicação recebida de Moçambique, foi ali aumentada a contribuição comercial e estabelecido o imposto de capitulação para o indígena e criada a taxa militar, medidas estas que trazem um aumento considerável de receita para a província.

A Associação do Fomento Agrícola de Moçambique, pediu ao governo, que em virtude das condições difíceis em que se encontra a colónia, sob o ponto de vista de mão de obra, não seja consentido o recrutamento de indígenas para São Tomé, a fim de se evitar maiores prejuízos à agricultura da província.

Cabo Verde

A importação em Cabo Verde, foi de 68.208.827\$36 e a exportação 4.740.119\$33.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

António Moreira

«Amanhã», no Cine-Esperança, realiza-se uma récita de homenagem ao sr. António Moreira, solista em barítono.

Tomam parte no espectáculo os actores srs. J. Matos, António Matos, Joana Matos e A. Antunes; os srs. A. Duarte e Luis Gonzaga, em variações de flauta; João Maria dos Anjos e José Leitão, em fados; José Leitão e o maestro sr. Manuel Ribeiro, dirigindo uma banda.

Notícias

E' hoje que se realiza no teatro Apolo a récita de homenagem à actriz Emília Fernandes, a intérprete da opereta A Severa que hoje se despede do público em última representação.

A companhia Lucília Simões-Erico Braga representa hoje, amanhã e no sábado em Portimão, de onde segue para Lagos.

O acontecimento desta semana vai ser, inquestionavelmente, a «reprise», amanhã, no Avenida, da peça mais discutida dos últimos tempos em Lisboa, «O Lodo», de Alfredo Cortez, que depois do sucesso da sua «Lida», teve neste trabalho a sua obra mais em destaque, criando-se à sua volta o rumor dos grandes acontecimentos.

Apenas representada uma noite, no Politeama, «O Lodo» vinha sendo desde há muito solicitado para que voltasse ao palco, sendo esta a ocasião azada, não só porque vai ser interpretada por uma companhia dirigida pelo seu próprio autor, como porque foi agora o ensejo de vermos de novo no seu papel a grande actriz Adelina Abranches, interpretando os restantes papéis artistas da categoria de Ester Leão, Constança Navarro e Clemente Pinto.

«O Lodo» vai ser posto com a mesma montagem e apesar de se tratar de uma récita sensacional, os bilhetes não sofreram qualquer aumento.

Foi concedida a pensão inteira de inactividade da Caixa de Subsídios e Socorros do Teatro Nacional Almeida Garrett, à actriz do quadro transitório, D. Augusta Cordeiro.

Reclames

Do desempenho da comédia «Tio da minha alma», em scena com grande êxito no Nacional, distinguem-se também Rafael Marques, com grande vivacidade, Palmira Torres, que deu um feito curioso ao seu papel, tendo uma bela scena no 3.º acto; Joaquim de Oliveira, que compôs o seu tipo com o seu habitual esmero; Aurélio Ribeiro, num bem-vindado papel burlesco, etc.

A lindíssima fantasia «A cidade onde a gente se aborrece», em scena, em pleno triunfo, no Eden-Teatro, repete-se esta noite.

A 30\$00

Imels com diamantes, rubis, rubis e safiras. DIAMANTES, RUBIS, RUBIS E SAFIRAS. DIAMANTES, RUBIS, RUBIS E SAFIRAS. DIAMANTES, RUBIS, RUBIS E SAFIRAS.

OURIVESARIA E JOALHARIA

Manuel Rodrigues, Junior

R. dos Tamoios, 66C—Esq. R. Silva Albuquerque

Uma infâmia

Convidamos as pessoas que nos informaram daquele caso duma rapariga, que ludibriada foi matriculada como prostituta, e que saibam do seu paradeiro, a virem hoje à redacção deste jornal.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

LEI O SUPLEMENTO DE A BATALHA

Malas postais

Pelos paquetes «Desceado» e «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas até às 9.

'A Batalha' na provincia e arredores

Cabeção

A estupidez dum carrasco e a inconsciência de alguns rurais

CABEÇÃO, 11.—Na herdade da cabeção do Marco, trabalhavam há dias na tiragem da cortiça 8 rurais desta localidade e 18 de Mora por conta da casa Vicenda. Segundo os calculos feitos a tirada devia terminar ao meio dia, mas por razões várias só se concluiu à noite. Pelo meio da tarde, o carrasco dirigente do serviço, José Moita-enfurecido por esse motivo gritou em altos berros que andava tudo a dormir e que o patrão não ia roubar o dinheiro para lhes dar.

côrte! Em uma palavra, acaso o senhor Marcel que
rerá trair o povo?

—Oh! é infame! exclamou Dionisia não podendo
conter a sua indignação, atrever-se a accusar o sr. Mar-
cel de traição, porque minha tia, mulher de bons sen-
timentos, não foi ao enterro ostentar uma dor impro-
visada!

—Senhora! disse vivamente Margarida à menina,
recendo envenenar esta discussão, pueril na aparen-
ça, mas cujas consequências podiam ser perigosas
para Marcel.

Era muito tarde; a senhora Petronilla, levantan-
do-se, replicou asperamente, dirigindo-se a Dionisia:

—Saiba, amiguinha, que a minha dôr, assim como
a de meu marido, não era uma dôr de encomenda.

—Senhora Petronilla, acrescentou Margarida com
anciedade, não foi isso que Dionisia quiz dizer...; ou-
ça-me por favor...

—Senhora, respondeu secamente a mulher de Mail-
lart, eu vim aqui para a avisar caridosamente, e como
verdadeira amiga, dos ditos, sem dúbida pouco reflec-
tidos, mas perigosos, senhora, para a popularidade do
senhor Marcel, porque a esta hora, tais ditos circulam
em todo o Paris... Longe de me agradecer, sou re-
cebida com palavras insultantes. A lição é boa, apro-
veitar-me-hei dela...

—Mas, senhora Petronilla, eu...

—Basta, senhora, nem eu nem meu marido torna-
remos mais a pôr os pés em sua casa. Queria amigá-
velmente indicar-lhe o perigo que corre a boa fama do
senhor Marcel; fiz o meu dever, suceda agora o que
suceder!

—Senhora Petronilla! respondeu Margarida com
uma dignidade triste e severa, desde que Marcel con-
sagrou a sua vida aos negocios publicos, não há uma
única das suas palavras, um só dos seus actos, de que
êle não possa responder levantando a fronte: tem feito
o bem pelo bem, sem esperar nada do reconhecimento
dos homens; saberá ficar indifferente a ingratitude dos
deus, se um dia os seus servico forem desconhecidos

—Tal meu amigo nos
está armado, por piedade; proteja-nos, ajude-me a de-
fender a minha irmã!

—Eu conheço o coração e a coragem de Mahiet
disse Dionísia comovida, elle tomou seguramente a de-
fesa dos dois infelizes!

—Sem nenhuma hesitação; porque «na sua qual-
dade de advogado, disse-me elle, não podia recusar ta-

—Sim, esta manhã na casa da câmara vi esse
gno mancebo. Está de saúde, pôsto que tenha sofrido
muito.

—Devemos renunciar a descrever a comoção e as te-
nas lágrimas de Dionisia. Os primeiros ímpetos ser-
nados o preboste dos comerciantes disse a sua mul-
her e a sua sobrinha:

—Presidia esta manhã na casa da câmara ao no-
so conselho de veradores, quando um dos nossos o-
ciais de justiça me trouxe uma carta; abro e leio que
Mahiet pedia para falar-me, Mando-o o subir e entro
no quarto onde trabalho, e ali corro no mesmo in-
stante acabada a sessão... Ah! minha pobre Dionisia
confesso que me custou a reconhecer o nosso ami-
go tão magro e demudado está êle.

—Que lhe succedeu? meu Deus! perguntou Dionisia
Iria êle, como minha tia supunha, guerrear contra
os ingleses? Estaria preso?

—Saiu da prisão; mas não foi à guerra, replicou
Marcel. Eis o que lhe succedeu: tinha partido, con-
sabem, para Nointel em Beauvoisis. Depois de ter
saído de noite de Nointel e descansado uma hora a
fim do dia em Beaumont, poz-se a caminho; no fim
algum tempo ouve atrás de si o galope precipitado
de um cavalo, volta-se e vê um cavaleiro que trazia a
rupa do cavalo uma mulher e que vinham perseguidos
por três cavaleiros armados, que corriam ao longe;
por chegar na distância dalguns passos de Mahiet e
homem, um jovem de vinte anos quando muito, diz
ao nosso amigo:

«—Nós fugimos do castelo do senhor de Beaumont
êlé é tutor de minha irmã, que me acompanha e que
violenta-la. Persegue-nos com a sua gente; o senhor
está armado, por piedade; proteja-nos, ajude-me a de-
fender a minha irmã!»

—Eu conheço o coração e a coragem de Mahiet
disse Dionisia comovida, êle tomou seguramente a
fesa dos dois infelizes!

—Sem nenhuma hesitação; porque «na sua qua-
dade de advogado, disse-me êle, não podia recusar



AS GREVES

Prossegue em Guimarães a greve dos operários mobiliários da casa Neves

Um manifesto do respectivo Sindicato

GUIMARÃES, 14. — A greve dos operários mobiliários da casa Neves & C.ª, desta cidade, vem-se com o ardor do primeiro dia, apesar das tréguas do respectivo industrial. Por sua vez, o Sindicato Mobiliário prossegue nas diligências, procurando fazer terminar uma situação que só a teimosia do sr. Neves se deve. Há dias que o organismo fez distribuir nesta cidade um manifesto que dá nota dos motivos que levaram aqueles obreiros à greve. Por ser muito elucidoativo vamos transcrever alguns períodos:

«Encontrando-se em greve os operários mobiliários das oficinas Neves & C.ª, desta cidade, convém trazer ao conhecimento do público virmos-nos em geral as razões que levaram estes operários a abandonar o trabalho e a declararem-se em luta. A firma em questão não quer por forma alguma cumprir o regulamento do horário de trabalho (8 horas). É este o motivo porque os referidos operários se encontram em luta. Os aludidos industriais alegam que preferem fechar por completo as suas oficinas, a terem de cumprir o horário em vigor. Ora estes industriais estão cometendo um erro crasso, pateando de maneira tão irrisória a sua inconsciência.

Consta que os referidos industriais, sendo autênticos reacionários, pactuaram com os políticos-republicanos locais, a fim de melhor poderem obrigá-los a não cumprir as 8 horas; que não obstante isso, continuam a ser que é verdade e ninguém nega — a procurarem por toda a forma e maneiras desvirtuar o regime republicano (a sua dertocadão) que, para maior prova, até há bem pouco tempo, estes mesmos operários foram mandados, pelos referidos industriais, para a rua, em sinal de protesto a quando das últimas eleições, portanto contra as instituições e contra os republicanos com quem hoje dão mãos para levar a cabo o seu intento de fazer com que os seus operários retomem o trabalho sem o cumprimento do horário, pela miséria e pela falta de recursos com que possa sair da luta vitoriosos e a que têm já; que querem forçar os seus operários a trabalharem 10 horas, quando lhes têm dito, os aludidos industriais, que dentro em breve não terão trabalho para 4 horas por dia a dar aos mesmos; que ainda há bem pouco tempo os operários da casa Neves & C.ª, limitada foram vítimas da redução de 20% nos seus salários além das várias suspensões de trabalho, chegando a dar-lhes apenas 3 e 4 dias por semana a quando da última crise.

Convém esclarecer que, além do já exposto, os mesmos industriais usam por vezes de meios violentos para com os seus operários, infligindo-lhes multas, ameaçando-os e agredindo-os até dentro da própria oficina, o que demonstra bem claramente o estófo moral de quem assim procede, habituado há muito a viver à custa da vida e da dignidade de cada um; que estavam pagando aos seus operários, em 10 horas de trabalho extenuante, salários de \$500 a \$450 escudos, quando é certo que as contas ao comprador esses salários são sempre avaliados entre 27500 e 30500!

Também contribui para a sua renitência a ter-lhes sido dado conhecimento dum circular que foi enviado ao sr. governador civil do distrito, dimanado do ministério do Trabalho, e pela qual também se está regendo o sr. delegado do governo desta cidade, a qual não tem referência alguma que ponha em dúvida o cumprimento do Horário de Trabalho, mas que os referidos industriais, mal orientados, julgam nela direito para não observar a lei das 8 horas de trabalho que vigora em todo o país.

O mesmo sindicato, a fim de poder manter a luta, distribuiu por vários organismos e camaradas uma circular acompanhada dum lista de subscrição a favor dos grevistas.

Oxalá que o operariado corresponda aos desejos daquele organismo para que o industrial Neves deixe de brincar com a miséria dos que trabalham. — E.

A dos condutores de carroças
A sessão magna da classe esteve largamente concorrida

Com enorme concorrência reuniu ontem a classe dos condutores de carroças para apreciar a situação dos seus camaradas que se encontram em luta com os proprietários que não querem respeitar o horário de trabalho. Fizeram uso da palavra, entre outros, Felisberto Madeira que propõe para que seja nomeada uma comissão que na área do Poço do Bispo fará por que os patrões cumpram o horário de trabalho.

Américo da Silva protesta contra a pouca compreensão dos condutores de carroças que não cumprem e não fazem cumprir o horário de trabalho.

Manuel Maria de Sousa, delegado da Câmara Sindical do Trabalho, diz que deve haver verdadeira solidariedade entre todos os condutores para que se possa fazer cumprir o horário de trabalho. Afirma que se os patrões que já assinaram não cumpriram com o que escreveram deve-se recorrer ao tribunal para que as autoridades os façam entrar nos eixos.

Jaime Baptista diz que as autoridades não fazem cumprir o horário de trabalho e que só são enérgicas para com os condutores de carroças. Refere-se ao caso de ter sido autuado há dias em 240500, na Rua dos Fanqueiros, por não saber que era proibido passar por aquela rua. Pergunta porque razão as autoridades não procedem enérgicamente contra os proprietários por eles não cumprirem com o regulamento.

Antônio Freire lembra a todos os camaradas que estão trabalhando não façam horas extraordinárias devido a haver muitos desempregados.

José Martins afirma que não faz nem quer fazer horas extraordinárias por esse motivo.

José da Laurinda lembra que os condutores de carroças devem ser mais enérgicos do que têm sido até aqui. Reforça a proposta da nomeação dum comissão para a área do Poço do Bispo.

José Maria aconselha os condutores a continuarem lutando pelo triunfo das suas reclamações.

Manuel Moreira entende que esta assembleia deve votar, em princípio, a greve a fim do assunto ter mais rápida solução.

Américo afirma que a atitude dos condutores do Poço do Bispo se deve o assunto não estar resolvido.

Em seguida foi encerrada a sessão, que esteve largamente concorrida, aos vivas à greve e à solidariedade da classe.

Uma proclamação à classe

Foi-nos enviado o seguinte comunicado:

«Camaradas: — Foi declarada em princípio a greve geral no dia 5 do corrente, como foi tornado público. Por resolução tomada pelo Comité signatário está proclamada a greve paralisando as casas que ainda não aderiram ao horário de trabalho».

O Comité Central.

Continuam em luta os condutores de carroças para fazerem cumprir o horário de trabalho.

Registaram-se as seguintes adesões até ontem: Domingos José de Carvalho, Ezidório Moita, Antônio Vieira Junior, Manuel Antônio Gonçalves, Alfredo Pires, Francisco Jerônimo, José Nunes da Costa, Francisco Pereira, Lázaro e Soares, Costa, Francisco J. C. Ferreira, José Miguel, Antônio J. Fernandes, V. Azevedo, José Francisco, José da Costa Pinto, José Madeira, José Gonçalves da Silva, Eliza da Silva Alves, F. H. de Oliveira, Refinaria Brasileira Lda, Manuel Júlio e Ferreira, Antônio F. da Cruz, União de Sufistas Lda, Francisco Correia Lopes, Leopoldo Antunes e C.ª, Antônio Mendes, Marteleira, Armando José da Silva, Rosa Dias (vulgo Manuel da Velha), Manuel da Silva Alves, Tomé José Martins, Antônio Gomes Moleiro, José Domingos Palhares, Constantino Gonçalves Rafael, J. Melitão, Emídio Neves Varino, Antônio Tavares, João Antônio, Antônio Joaquim Rodrigues Pires, Manuel Nunes Costa e Serra, Vidal e Vidal, José Martins, Manuel Maria Aires, Elias da Costa, Francisco da Silva Pinheiro, José das Gaioas, Nunes Valente Diniz, Feliciano Vitorino, Manuel J. Cerqueira, União Commercial de Louças e Vidros, Leitão e Palhares, Antônio de Sousa e Silva, J. Nicolau e Silva, Francisco José Braz, Sociedade Exportadora Viçelas Lda, Antônio José da Cunha, José Antônio Vidal, Francisco Pedro Patochão, Artur Martins, Fábrica de Cal da Ponte Nova, José Miranda, Manuel da Costa, Rodrigues, Antônio de Carvalho Marmeleiro, Manuel Rodrigues Gomes Lda, Santos Tavares Pinto e Abreu Lda, José José Marques e Sociedade Commercial de Lenhas Lda.

Os restantes proprietários conservam-se ainda na mesma atitude.

Indústria de Conservas

Na fábrica Zeferino Alves & C.ª, de Lisboa

Já de há muito que a firma Zeferino Alves & C.ª, proprietária da fábrica de conservas Flor do Tejo, de Alcântara, vem tratando o pessoal que ali trabalha com a maior das desumanidades pagando salários que mal chegam para morrer de fome, fazendo-o trabalhar horas a mais do que manda a lei e quando lhe apetece faz os mesmos operários trabalhar de empreitada com preços estipulados por eles.

Estes factos ainda há pouco tempo motivaram uma disputa com o pessoal, na qual as pessoas que superintendem nos serviços da fábrica não primaram pela correcção.

Também um sr. Oamama obrigou os soldados a fazerem serviços de descarga, o que prejudica os operários destas duas especialidades.

Na segunda-feira estes trabalhadores fizeram-lhe sentir que não estavam dispostos a suportar tais opressões e atropelos, o que ele respondeu com o despedimento dos soldados.

Logo os trabalhadores abandonaram o trabalho por solidariedade para com os soldados e porque também sofriam das mesmas arbitrariedades.

Reunida a classe em assembleia, foi uma comissão nomeada para entrevistar os industriais, que ontem se negaram a recebê-la, falando-lhes dum jaleco da fábrica, dizendo-lhes não reconhecerem comissões enviadas do sindicato.

Em face da resposta a comissão resolveu entregar o caso à assembleia geral.

Prevenção

O Sindicato U. O. I. de Conservas de Lisboa, previne os operários da indústria de que não devem vir trabalhar para esta cidade sem nova comunicação.

CONFERÊNCIA

«A cultura da individualidade»

Promovida pelo Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 21 horas, no Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.ª, sede da Secção Metalúrgica, uma conferência pública, segunda da 1.ª série de conferências educativas.

É conferente o nosso camarada de redacção Mário Domingues.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 1 desta revista intitulada «El Hijo de Nadie», de Frederico Urales. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1900.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkínof. Preço \$50

INTERESSES DE CLASSE

A falta de espirito associativo entre os empregados no comércio

Dezenas de anos já vão gastos na organização da classe de empregados do comércio e constatamos, com tristeza, que ela continua, como no seu início, alheia aos verdadeiros fins para que se lançou. Todas as outras — e se digo todas é porque posso afirmá-lo com rigor — têm criado espírito de luta, compenetrando-se mais ou menos do seu papel na Sociedade, e, embora errando aqui ou ali, fraquejando às vezes, recuando e até desaparecendo, não tardam a voltar a seguir e já marcando, dando-nos a entender que não é impune que o tempo passa e que o intenso movimento, que é a vida universal, age sem se deter.

Todas, todas se vão informando, preguiçosamente embora, com falhas, com muitos erros, erros naturais da falta de conhecimentos históricos e psicológicos, da ignorância sobre as influências dos factores económicos, políticos e sociais; mas, sobre tudo, por desconhecer, quasi por inteiro, o quanto a vida sofre e como ela se desagrega quando entre si lutam esses dois fenómenos primordiais — o económico e psicológico. — mas, enfim, elas marcham. Ora de pé, ora de rastos, mas caminham. Não são «elites» mas marcham.

E as classes comerciais de trabalho o que fazem? O que era e o que é a vida do caixeiro, do moço, ou a do escriturário, do guarda-livros?

A parte a dum ou doutro que como sempre gosaram de certas regalias, vida despendida, enfatuados, é hoje, e relativamente, dum maior escravidão, dum miséria incrível.

Não somos uma «elite» de concepções invertidas!

Enquanto os outros trabalhadores procuram elevar o seu nível moral, procurando viver conquistando o seu lugar na luta universal, fugindo dos lugares onde se enquina a alma, nós afogamo-nos na estúpida. Os outros fogem da taberna para a família, eles levam a família à escola acompanhando-a; de companheiros a família deixam-na à mercê da ventania podre que arraza esta sociedade cimentada pela fermentação de costumes imoriais e perdemos-nos no casino, clube e lupanar. Os outros param às vezes na cadeia porque tiveram a audácia de exigir horas para estudo e afirmar o seu direito a um lugar na vida e um prato no banquete; são maltratados só pelo facto de não curarem o dorso; nós não nos importamos com horas a mais, desde que elas nos facilitem o assalto à gaveta ou nos deem a posse do livro de cheques e conhecimento do saldo. Os outros vão à cadeia porque se revoltaram, nós quando lá vamos... não foi o motivo a revolta... não!

E enquanto os outros levam as suas mulheres, as namoradas à associação de classe, às universidades populares, nós desafiámos as nossas companheiras de trabalho para o cinema...

Eis um pálido reflexo da moral da nossa classe.

Os militantes? onde estão os militantes?... à Elite das Elites?

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

Operários Municipais

A comissão de melhoramentos convida a classe a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. C. Civil, a fim de dar conta das demarches junto da Câmara e apreciar os trabalhos de empreitada.

CARTA DO PORTO

Ainda a Real Companhia Vinícola do Norte... — Desumanidade dum senhorio — Um "socialista" previdente...

PORTO, 15. — Há de certamente supor que o conflito da Real Companhia Vinícola já atingiu o seu fim. Nada disso. Ele continua no mesmo estado.

A direcção persiste na sua indolência fastidiosa. Promete resolver a questão dentro da justiça e da lógica, sem fazer sangue a ninguém e debaixo dos «divinos» princípios a que pertencem os oráculos da seita jesuítica. Porém, faz-se esquecida, desaparece, não há meio de solucionar cristãmente a barafunda estabelecida pelo tal Francisco Pinto Moreira.

Diz-se que este verdugo, tendo um contrato «específico» para exercer tal cargo, exige uma indemnização de alguns contos de reis — falamos em dinheiro monárquico, porque os donos da Real Companhia também o são — para abandonar, definitivamente, o seu odioso cargo. De maneira que a justa reclamação do pessoal, ou seja o afastamento dos tiranos que o escravizavam — está-se prestando a «manigância», a negócios chorudos... Certamente que os mandos dos armazéns da «Real» não estão lá pelos seus lindos olhos: é porque esperitam sardinha gorda...

Assim, ao que parece, enquanto se discute indemnização vem, indemnização vai, a Companhia permanece num estado catatónico de quasi abandono, sem nenhum esforço de quasi dezenas de famílias que estão lutando com uma infinidade de dificuldades económicas. Que tem lá isso, se os directores e seus régulos subordinados vivem à farta, de abdómen enfartado e pulando nos coxins dos ricos autos?

Ora seria conveniente que os «matulados» alta olhassem um pouco para os «baixos» e reflectissem que um dia pode a «vasa» sacrificada subir nos redomoinhos da maré agitada e salpicar-lhes, e retalhar-lhes, o rubicundo rosto...

As pragas de cavalaria é que se regalam: à noite, desmontados das suas bestas, é um consolo vê-los tomar a fresca e a fumar a sua cigarrada... por conta do que recebem dos 20000 que a Companhia, perdulária, dá à guarda republicana por cada mantenedor da ordem «pestanada». E o sr. Pestana já sabe que os emolumentos à tropa já vão numa continha calada...

Outro caso:

O operário José Vieira, que tem uma entenda, de 15 anos, gravemente enferma, mora num cubículo dum ilha da rua de São Diniz, pertencente às piedosas criaturas Custódia Feliz e seu filho Manuel Joaquim Feliz.

Estes dois felizes senhorios que tiveram a felicidade de conseguir, com a ajuda de Deus, uma tão «simpática» ilha «batida» de sol enfermício, pensaram um dia em duplicar aos magistrados poderes do tribunal de São João Novo uma melhoria na sua dita material.

E assim muito religiosamente congeminando, pespugou na 2.ª vira civil com um «imaginário» João Ferreira, forneiro, como habitando a casa do pobre operário José Vieira, a fim deste, pelo processo do rasga, ser expulso do microscópico casebre.

A coisa, a poder de dinheiro, cosinhou-se. O verdadeiro inquilino, que ignorava a patifaria, não recebeu notificação alguma. O juiz da 2.ª vara, que não quer saber da actual lei do inquilinato nem de outras bugigangas similares, deu despacho a favor da conspiradora proprietária e, portanto, da ordem de despejo violento e arbitrário...

Mas como, afinal, já se sabia que o autêntico inquilino era José Vieira e não o imaginário João Ferreira, esperaram que aquele estivesse ausente para se um determinado indivíduo lhe invadisse a casa e obrigasse a sua entenda de 15 anos, dada pelos médicos como irremediavelmente perdida, a acarretar com toda a mobília para a rua...

Ora aqui está como um Manuel Joaquim Feliz e uma Custódia também Feliz tiveram a felicidade de conseguir que a justiça desta terra «custodiasse» uma tremenda patifaria digna da nossa república, dos nossos legistas e do nosso século...

Agora, a vítima dos senhorios e dos tribunais procura, com o auxílio de um advogado, repór as coisas no seu lugar, saltando em cima dos intrujões e da intrujice. Será bem sucedido, como é de justiça?

Desconfiamos tanto dos juriscônultos... que julgamos...

Comunicamos há dias que o industrial de calçado, de Oliveira do Douro, Maurício da Silva Manahú, não dava as oito horas aos seus operários, apesar de filiado no partido socialista.

Devemos, porém, confessar que no dia em que saiu o nosso informe, já aquele industrial cumpria a lei das oito horas. Mas igualmente devemos e frizar — e estamos prontos a prová-lo em todos os campos — que só se resolveu a cumprir o regime das oito horas quando soube que em toda a Oliveira do Douro constava que para A Batalha tinha sido enviada uma carta apontando-o como um dos industriais que praticava — motivo porque a citada carta era esperada anosamente.

Isto quer dizer, portanto, que quando do sr. Manahú pôs em vigor as oito horas, já a nossa informação estava em Lisboa. Foi uma questão de carta atizada...

C. V. S.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$500.

A obra mais barata que no género se publica

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

A liberdade sindical na Tchecoslováquia

Em Dezembro último, em todas as igrejas slovaquias, foi lida uma pastoral proibindo aos católicos, sob graves penalidades eclesiásticas, de se filiarem em organizações anti-cristãs, mormente nas associações comunistas e socialistas. A Confederação dos Sindicatos Tchecoslovacos na sua reunião de Fevereiro considerando que a referida carta episcopal era atentatória da liberdade sindical, solicitou do governo as providências necessárias.

Em sessão de 5 de Março o governo de liberou defender os direitos e liberdades cívicas garantidas pela Constituição, e declarou não tolerar de nenhum modo, atentados ao livre exercício do direito de coligação.

Segundo a *Presse tchecoslovaque* o governo tomou medidas no sentido de impedir os ministros do culto de darem cumprimento à carta episcopal.

O trabalho no domicílio na Suíça

As *Informações Sociais*, no último número, dá curiosa notícia sobre o trabalho no domicílio suíço. Das estatísticas agora publicadas, havia em 1910 número redondo, um setenta mil trabalhadores em domicílio, no território da República Helvética.

No 1.º de Dezembro de 1920, verificou-se ter havido uma diminuição de 40%, pois apenas existiam 39.300 obreiros. Essa diminuição manifestou-se especialmente nas indústrias de bordados por 15959 obreiros; de seda por 5243; de relojaria por 2349; de artigos de palha por 1970; de costura para senhoras por 1368; de tecidos por 1121; de tecidos de algodão por 966. E, pois, muito considerável a diminuição do trabalho domiciliário na Suíça.

Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

As iniquidades praticadas pela administração para com o seu pessoal

O que se está passando nos Caminhos de Ferro do Estado é deveras deplorável. A frente dos mesmos está como administrador geral o sr. Pinto Teixeira, que em vez de fazer administração como lhe competia, não o faz, mas tão simplesmente reduzir o pessoal à mais extrema miséria e a prová-lo está o que se fez com os praticantes, desabonando 32, alguns dos quais se encontram numa situação miserável, vistos os encargos que têm de mulher e filhos.

Agora a questão de tirar os bilhetes de identidade ao pessoal eventual que tem mais de 3 anos, a pesar de segundo se diz o ministro do Comércio ter já tratado do assunto.

Enfim, um sudário extraordinário de violências, julgando-se alguns chefes de serviço senhores absolutos de tudo aquilo, e assim se constata algumas perseguições sistemáticas a alguns empregados que por mérito não têm reagido.

E em vez de se ver os subordinados como verdadeiros cooperadores, isso não se faz, mas sim privar com uma atenção desnada com alguns indivíduos que se encontram espalhados por todos os serviços e em que pelos seus actos e palavras se verifica constantemente o seu reacionarismo, o seu espírito monárquico e conservador, alguns até tendo proventos além dos do seu emprego, e que melhor fora estarem noutro lugar e não ali.

Pois apesar dos elementos categorizados e que se dizem liberais, democráticos, esquerdistas, etc., verifica-se todas estas anomalias!

E' mais fácil cercar regalias e situações conquistadas devido ao esforço aturado da classe do que pôr em dique a estes cavaleiros que só de bom podiam fazer era afastar-se do contacto dos que do trabalho exclusivamente vivem.

Um funcionário

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado avistou-se ontem com o ministro da Justiça, a quem demonstrou os inconvenientes de não ter sido ainda alterada a lei 1645 sobre foros para o que este organismo de há tempos a esta parte vem de efectivar «demarches» junto das entidades competentes.

Pelo referido ministro foi afirmado que com a actual situação política não pode fazer nada e que a qual só com uma lei votada pelo Parlamento poderá ser modificada. Disse que não leva essa lei ao Parlamento, por agora, devido ao mesmo estar ocupado com a questão política e orçamental, e que se ainda lá estiver depois do encerramento das câmaras tratará do assunto com a devida atenção. Lembrou este Secretariado ao ministro a entrega do assunto ao seu antecessor. Também a mesma comissão conferenciou com o ministro da Justiça sobre as deportações sem julgamentos. Declarou o ministro que não podia por motu-próprio dar essa ordem, mas que levaria o caso a conselho de ministros.

Tendo chegado ao conhecimento deste Secretariado, por intermédio de algumas associações, que receberam circulares, que está convocada pela Associação dos Rurais de Coruche, uma reunião em Lisboa, para tratar da questão dos foros, resolveu tornar público, que sendo este assunto de interesse de uma minoria de localidades, mas que se reflecte na produção geral, que não tem este organismo descurado este assunto, continuando por todas as formas ao seu alcance trabalhar para que a modificação à lei n.º 1645 (foros) seja um facto.

CRISE DE TRABALHO

Operários das Obras do Estado

Para a comissão do Sindicato Unico da Construção Civil dar conta das suas demarches junto do Parlamento e ministro do Comércio, são convidados todos os operários sócios que andam licenciados das Obras do Estado por falta de verba a comparecerem hoje, pelas 14 horas, na sede deste sindicato, C. do Combro, 38-A, 2.ª

MOBILIARIA